Apresentação do nº 57 | Estudos Literários | *Cadernos do IL*

A publicação de nº 57 dos *Cadernos do IL*, atendendo à chamada de trabalhos de temática livre no âmbito dos Estudos Literários, reúne 19 artigos produzidos por pesquisadores da área de Letras vinculados a diversas instituições de ensino superior do Brasil. Com temas, abordagens e perspectivas diferentes, os artigos têm, no entanto, o comum propósito de contribuir para o entendimento de manifestações literárias que respondem por uma variedade de épocas, línguas e formas.

Para compor um panorama sobre essas leituras, apresentamos os artigos da presente publicação, dispondo-os, aqui, em uma ordem orientada pela eventual proximidade entre suas abordagens, quando possível.

O autor Rodrigo César Dias, em seu artigo **A escravidão em cena: uma leitura de *Mãe*, de José de Alencar, e *O escravocata*, de Artur Azevedo e Urbano Duarte**, aborda como o escravo é representado nessas duas peças, sobretudo face à contradição social, amplamente debatida na segunda metade do século XIX, na qual o ser humano cativo é percebido legalmente e socialmente como pessoa e como mercadoria. Em sua análise, o autor compreende que Joana, de *Mãe*, e Lourenço, de *O escravocrata*, apesar de viverem a condição de escravos, podem ser lidos como indivíduos virtuosos, que preservam sua dignidade e integridade.

Nathalia Pinto, em seu artigo **A historicidade do romance em Erico Veríssimo e José Lins do Rego**, partido das aproximações entre ficção e história intrínsecas às reflexões sobre o romance histórico, propõe uma análise comparativa entre a trilogia *O tempo e o vento*, de Erico Veríssimo, e *Pedra bonita* e *Cangaceiros*, de José Lins do Rego. Para a autora, os romancistas, atentos às profundas transformações sociais pelas quais o Brasil passava desde a década de 1930, souberam delinear a experiência dos homens e das mulheres de suas regiões ao mesmo tempo em que retrataram episódios importantes da história do país.

No artigo **A visão cultural e política de Josué de Castro e Mario Vargas Llosa sobre a América Latina subdesenvolvida**, Thiago Azevedo Sá de Oliveira discute elementos que aproximam as produções dos dois autores à medida que ambos produzem imagens da geopolítica latino-americana – identitariamente marcada pela segregação cultural e econômica, bem como pela consciência de atraso (CANDIDO, 1989). Para o autor, tais imagens, mais do que refletirem a prática de um exercício intelectual enquanto atitude política, resultam de uma expressão cultural nutrida pela tríade real-fictício-imaginário, que significa o subdesenvolvimento como elemento interno do texto.

Em **A história, o poder e os diálogos em Tomás Eloy Martínez**, Gabrieli Borges dos Santos procura delinear algumas possibilidades de leitura da obra do autor argentino, baseando-se nas noções de poder e alegorias oriundas da obra crítica de Foucault. O caminho é percorrido por meio de um mapeamento dos textos de Martínez

a partir de suas relações estético-metodológicas com os conceitos foucaultianos, desaguando numa interseção entre ficção e sociedade que dialoga com a contemporaneidade e transpõe as barreiras entre o estético e o histórico.

Pamella T. Souza de Oliveira, no artigo **O trauma precisa virar ficção: um olhar sobre o teor testemunhal da obra *K: Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski**, tece reflexões acerca da autoficção sob a luz das teorias do testemunho e da abordagem do trauma na construção narrativa, a partir dos estudos de Seligmann-Silva. Em sua abordagem do romance de Kucinski, a autora procura observar de que forma a obra se relaciona com o gênero autoficcional, aproximando-se ou distanciando-se dele na medida em que o trauma e o luto passam a figurar como elementos comuns nas narrativas de episódios traumáticos.

Francieli Borges e Larissa Garay Neves, no artigo **O que eu olho não me vê, ou o problema da representação do subalterno: o narrador em *A resistência*, de Julián Fuks**, encontram na configuração da narração da obra de Fuks, realizada em primeira pessoa, um recurso que enfatiza o efeito da violência sofrida pela família do narrador. Para as autoras, a obra, ao ser narrada a partir de apenas uma perspectiva, com capítulos curtos e repetições sintáticas que explicitam o desejo de *não dizer*, traz uma história que na sua origem já é fragmentada e penosa.

No artigo **De Jagunço a Matraga**, Bianca Meira Lopes propõe uma análise do conto “A Hora e a Vez de Augusto Matraga” (1946), de Guimarães Rosa, com o objetivo de compreender quem, de fato, é “Matraga”. Para tanto, Lopes toma como base os conceitos de Corpo sem Órgãos, rostidade e devir, de Deleuze & Guatarri, a fim de analisar o processo de transformação do personagem principal, passando de um Matraga que não existe para alguém que é formado de devir-Matraca.

No artigo **A metamorfose e a desumanização de Gregor Samsa**, Lucas Cyrino, partindo das concepções de Benjamin (1992) e Benveniste (1991) sobre o humano e a linguagem, analisa o dinamismo da metamorfose na obra kafkiana, que se dá de modo diverso ao dos mitos de Aracne e Dafne oriundos d’*As metamorfoses* de Ovídio. Para o autor, a metamorfose de Gregor Samsa, embora o retire de sua humanidade ao eliminar, em sua forma animal, a capacidade de comunicar-se com sua família, conserva a essência espiritual de Gregor porque ainda comunica essa essência por meio do pensamento, dado a saber pelo narrador.

Diego Gomes do Valle, em ***O Homem Duplicado à luz de espelhos borgianos: do dialogismo ao absurdo***, tem como objetivo traçar paralelos entre o romance *O Homem Duplicado*, de José Saramago, e contos e ensaios de Jorge Luis Borges, utilizando-se da temática do duplo como fio condutor da comparação. Teóricos como Mikhail Bakhtin, Louis Lavelle, Paul Ricoeur e Jean Pouillon são fundamentais para ampliar o alcance da análise, de modo a expandir as possibilidades de sentidos do romance.

O ideal gaúcho em “O sul” de Jorge Luis Borges – a construção do imaginário pela biblioteca, estudo de Luana de Carvalho Krüger, busca caracterizar o

modo como o conto borgeano “O sul” constrói um ideal identitário do gaúcho através das leituras da biblioteca feitas pela personagem Juan Dahlmann. Para Krüger, tais leituras trazem para dentro do conto múltiplas intertextualidades, as quais contribuem de diferentes formas na idealização do gaúcho apresentada na narrativa.

Os autores Emanuele Mendonça de Freitas, Cristiane Barcelos e Douglas Ceccano, em seu artigo **A echarpe de Jocasta: uma leitura simbólica de *A Máquina Infernal*, de Jean Cocteau**, utilizam a teoria do imaginário, através dos escritos de Albin Lesky, Marvin Carlson, Aristóteles e Gilbert Duran, para analisar a peça *A Máquina Infernal*, de Jean Cocteau, comparando-a com a obra *Édipo Rei*, de Sófocles, a fim de identificar as conexões entre as representações do mito edípiano em ambas as obras.

Margarete Hülsendeger, no estudo que se intitula **Tríplices mundos: uma leitura da obra *Ópera dos mortos*, de Autran Dourado**, procura tecer sua reflexão sobre a obra a partir das ideias de Paul Ricoeur voltadas à interpretação, à narrativa e ao tempo. Para a autora, a narrativa de Dourado está alinhada à configuração que Ricoeur denominou de “tríplice mimese” – pré-configuração (mimese I), configuração (mimese II) e refiguração (mimese III) –, o que embasa uma análise da obra que leve em conta os mundos referencial, do texto e do leitor, integrantes ativos do processo de interpretação.

Maura Voltarelli Roque apresenta em **Ruínas e resíduos: Drummond entre a poesia e a anti-poesia** uma visão sobre a obra de Carlos Drummond de Andrade que o aproxima dos propositores da anti-poesia, como Francis Ponge. A autora demonstra como a arte de Drummond se constrói, em momentos específicos de sua carreira, enquanto a negação da poesia pela poesia. O poema de Drummond se configura como enigma, como espaço no qual o sentido se esquia, em uma multiplicidade de paradoxos que são seus elementos fundamentais.

Ariane Ávila Neto de Farias, Mariane Pereira Rocha e Ânderson Martins Pereira, no artigo **“Artes do possível”: a poesia feminista e transformadora de Adrienne Rich**, estudam como o trabalho poético de Rich opera enquanto uma representação crítica dos longos anos de submissão do feminino. Para os autores, a leitura de alguns poemas de Rich indica que há ali a manifestação de uma força transgressora e que evidencia o feminino como sujeito em construção.

A autora Luciane Alves, em seu artigo **Percursos migratórios e identitários nas narrativas contemporâneas: aproximações entre *Americanah* de Chimamanda Adichie e *Azul Corvo* de Adriana Lisboa**, busca estabelecer pontos de contato entre as experiências de formação identitária e migração vivenciadas pelas protagonistas das obras. Nos percursos identitários das duas personagens mulheres migrantes há elementos que indicam a necessidade de criação de espaços de pertencimento, que incluem a busca pela formação de laços, a criação de novos processos de identificação, o aprendizado com culturas diferentes e a reconstrução de memórias com o lugar de origem.

No artigo **Pelos caminhos da memória: a rememoração em *Rakushisha*, de Adriana Lisboa**, Mirian Cardoso da Silva estuda a dinâmica da rememoração no romance de Lisboa, partindo das memórias, marcadas por traumas e angústia, da personagem Celina. Para a autora, tais memórias possibilitam que a protagonista vivencie um reencontro com suas dores e inicie um processo de reconfiguração identitária.

Em **The real Jane Austen: Austen's shifting image**, Deborah Mondadori Simionato recupera a biografia de Jane Austen, traçando os poucos dados disponíveis sobre a vida da escritora, e reflete sobre como essas informações foram interpretadas por diferentes gerações de leitores. A imagem de Austen é influenciada pela perspectiva de cada biógrafo, que buscam em dados contextuais e nos romances da autora aspectos relevantes para a recriação e a reinterpretação de sua vida. O artigo demonstra como a verdadeira imagem de Austen é, em realidade, irrecuperável, e que as construções sobre sua trajetória são profundamente determinadas pela posição de seus leitores.

No artigo **A “Poética do Invisível” em *Babilônia 2000*, de Eduardo Coutinho: uma análise das personagens Cida, Djanira e Conceição**, os autores Cilene Margarete Pereira e Rafael de Almeida Moreira apresentam uma análise do documentário *Babilônia 2000* através do que chamam de “poética do invisível”. Para tanto, os autores olham para as personagens femininas do documentário com o objetivo de exemplificar a prática cinemática do diretor Eduardo Coutinho de visibilizar aquilo que a sociedade tornou invisível, trazendo a arte como espaço para problematização e reflexão social.

O artigo **Dentro do Espelho de Suzy Lee**, de Luis Carlos Girão, apresenta uma análise do processo de figurabilidade resultante dos movimentos de aparecimento e desaparecimento nas páginas do livro-imagem *Espelho* (2009), de Suzy Lee, em comparação ao *Mnemosyne*, o “atlas de imagens” do historiador da arte Aby Warburg (1929). Para o autor, os efeitos de transição do olhar, que levam o leitor/olhante de uma imagem a outra, gerando a interpretação, são em parte decorrentes da *presença* que as páginas em branco produzem dentro da narrativa pictórica visitada.

Passemos, agora, ao encontro com esses estudos, mas não sem antes agradecer a colaboração dos professores avaliadores e a atuação da equipe editorial da revista, tornando possível a produção de mais um número recheado com excelentes reflexões para os estudos de literatura.

Os editores:

Ana Luiza Nunes Almeida

Deborah Mondadori Simionato

Lucas Cyrino

Monica Chagas da Costa

Patrícia Cristine Hoff